

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.

O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 07 - Trabalhos e Trabalhadores não convencionais no capitalismo global

Camelôs de tecnologia e capitalismo: novas formas de exploração, lucro, empresarização da rua e a relação capital e trabalho.

Bruno José Rodrigues Durães

Professor de Sociologia da Universidade Federal de Alfenas – Unifal-MG e Prof.^o Colaborador da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, bjduraes@gmail.com. Este texto é parte de minha Tese de doutorado em Ciências Sociais na Unicamp-SP (2007-2011), sob orientação da prof.^a Angela Araújo.

Camelôs de tecnologia e capitalismo: novas formas de exploração, lucro, empresarização da rua e a relação capital e trabalho.

Resumo

O presente texto é sobre os trabalhadores de rua que ofertam produtos tecnológicos (máquinas digitais, games etc.) no Centro do Rio de Janeiro. O objetivo geral é evidenciar a nova configuração da informalidade de rua no Brasil, apresentar os novos trabalhadores de rua, que sai da ligação direta com a sobrevivência e passa a uma esfera mais rentável e globalizada, evidenciando, assim, um tipo de atividade que sofre interferências diretas do mundo formal, reconfigurando-se e assumindo feições empresariais, uma “empresarização” da rua. Ademais, apresentaremos uma reflexão sobre a relação capital-trabalho no universo não tipicamente formal. Foram aplicados 42 questionários com camelôs. Os boxes destes camelôs parecem “lojas” de rua.

Palavras chave: Informalidade, Trabalho de rua, Trabalho Precário, Camelô.

Resumo Expandido

O trabalho de rua no Brasil sempre foi bastante representativo no conjunto da população trabalhadora, presente nas cidades brasileiras, principalmente, nas portuárias (Salvador, Rio de Janeiro etc.), desde séculos passados. É um fenômeno histórico que possui numa tradição profissional como uma atividade tipicamente urbana, a qual foi se expandido com o próprio crescimento das cidades, do comércio, das indústrias. Esteve sempre, de uma forma ou de outra, atrelado ao próprio desenvolvimento da sociedade capitalista.

Partir dessa perspectiva causa estranhamento, principalmente, ao ser dado um *status* ao trabalho informal urbano que não necessariamente ele teria. Acostumou-se tradicionalmente, inclusive nas reflexões do meio científico, a afirmar que este sempre representava algo à parte, a reboque do fluxo econômico, sendo apenas uma “franja” de “não-desenvolvimento” ou mera situação passageira, que o próprio desenvolvimento econômico trataria de extirpar.

Essas foram apenas uma das “crenças” difundidas a contento no mundo ocidental, em suas fundamentações ideológicas, e, sobretudo, nos países denominados periféricos ou de economias atrasadas, como foi o *caso brasileiro* etc. Difundiu-se que o trabalho de rua, que outrora era prática corrente em certas cidades, era algo tipificado como “informalidade”, isto é, não-formal, que estava fora das regras jurídicas e da própria sociedade, constituindo-se como algo oculto, escondido, não declarado. Nesse tipo de interpretação, a informalidade utilizava práticas ditas não-capitalistas, com baixos rendimentos, escassez de recursos e sem qualquer direito social implícito, compondo, dessa forma, um trabalho tipicamente familiar, vinculado à sobrevivência imediata.

Essa informalidade, portanto, sempre esteve conectada à sociedade capitalista, incluída na circulação de mercadorias. Porém, hoje, no século XXI, ela ganha novas feições, reestrutura-se e passa a ganhar maior relevância social e econômica. Primeiramente, porque assume uma roupagem modernizada, lastreada em elementos empresariais, assumindo uma lógica comercial de negócio, uma “[...] *lógica e estilo* capitalista/formal de venda e de relações de trabalho [...]” (Durães, 2008, p.01), mais parecida com uma típica empresa com a peculiaridade de continuar situada na rua, em camelódromos ou centros de comércio popular, regulamentados pelas prefeituras e associações de trabalhadores informais. Em segundo lugar, no aspecto econômico, movimenta grandes quantias de dinheiro com fluidez e sem pagar diretamente os

impostos devidos nessa comercialização, mas ainda gerando dividendos para indústrias do ramo tecnológico e intermediários (empresas formais), na função de “trabalhadores gratuitos” (Durães, 2005). Ganha visibilidade nunca vista antes, notadamente, por mexer com produtos tecnológicos, de ponta no mercado mundial, que vai desde celulares avançados a computadores, acessórios para carros, máquinas fotográficas, *pen drives*, mp3, mp7, mp9, mp10, vídeo-game etc., isto é, produtos de alto valor agregado e sofisticação tecnológica. Ademais, trata-se, muitas vezes, de produtos originais que entram no país sem nota-fiscal, sem recolhimento de impostos pela importação e que passam por variadas redes de comercialização extremamente criativas e também recheadas de ilegalidades e legalidades (fruto de contrabando).

A informalidade de rua no Brasil, dessa forma, passa por processos de mudanças em sua estrutura interna de funcionamento e, sobretudo, em suas formas mais aparentes, de existência. No caso, estamos fazendo referência aos trabalhos de rua, aos camelôs, das grandes cidades brasileiras. Como exemplo desse processo, tem-se o aumento do valor agregado dos produtos comercializados, das mercadorias, relações de trabalho de tipo contratual, sendo, quase sempre, feitas via “contratos de boca”, informais, mas seguindo regras típicas do universo regulamentado formal de trabalho com determinados benefícios e garantias para os envolvidos, os funcionários contratados.

Pretende-se neste texto, portanto, trazer à tona um tipo de informalidade que se reconfigurou nos últimos anos, os camelôs que ofertam produtos tecnológicos/eletrônicos, no camelódromo da Uruguaiana, centro do Rio de Janeiro, os quais denominamos de *camelôs de tecnologia, de produtos tecnológicos* ou *globais*.

O objetivo central do texto é evidenciar essa nova configuração da informalidade, tendo como base a ideia de que não representam mais um mero segmento ligado especificamente à sobrevivência, composto por baixos rendimentos, baixa qualificação e reduzida escolaridade; ao contrário, trata-se, doravante, de um tipo modernizado de trabalhador de rua, que possui maior renda, escolaridade, qualificação prévia, entre outros atributos. Além disso, iremos evidenciar uma possível relação conceitual que passa a existir nessas atividades, trata-se da relação capital-trabalho.

Realizamos uma pesquisa no Camelódromo da Uruguaiana, centro do Rio de Janeiro. Aplicamos 42 questionários e 03 entrevistas gravadas, além de registramos a fala dos trabalhadores através de questões fechadas e abertas do questionário, assim, primou-se por garantir uma análise qualitativa e quantitativa.

Os principais resultados da pesquisa evidenciam um novo perfil da informalidade de rua no Brasil. Este informal reconfigurado não comporta mais características típicas dos camelôs ditos tradicionais, como baixa escolaridade, poucos rendimentos, baixo ou nenhum nível de qualificação formal, reduto de pessoas mais velhas, excluídas de trabalhos formais, quase inexistência de relações de trabalho “assalariadas” (donos-funcionários, capital-trabalho). Contudo, eles ainda exercem seus trabalhos na rua, com registro municipal, mesmo diante da sofisticação dos produtos tecnológicos.

Por fim, estes trabalhadores terminam servindo à lógica geral de acumulação capitalista, são, pois, trabalhadores gratuitos para o capital, portanto, é mais um via de expansão do sistema através da venda de produtos eletrônicos na rua.

O primeiro ponto a ser ressaltado como resultado, talvez o de maior relevância, é o que se refere à mudança qualitativa no próprio perfil dos informais. Percebe-se um novo tipo de composição da informalidade urbana, cuja principal característica é sua feição empresarial, nos moldes do universo formal, numa atividade que se obtém maiores rendas, se comparado ao salário mínimo nacional, bem como passa a se valer de técnicas empresarias na lida comercial, como o controle de vendas.

O segundo ponto e último, que iremos nos referir, trata-se, pois, de uma mudança na própria lógica interna da informalidade. Vê-se uma reconfiguração. O universo interno de trabalho das atividades de rua, relacionado diretamente ao próprio processo de trabalho, parece ganhar novos contornos nunca antes existentes, já que adota práticas de trabalho tipicamente formais, parecendo evidenciar um típico processo de *empresarização da rua*. Contudo, ainda preserva-se alguns elementos tradicionais do processo de trabalho de rua. Assim, a rua é usada como efetivação de negócios, *negócios informais*, altamente sofisticados, do ponto de vista dos produtos comercializados, todavia, ainda mantém uma das características clássicas da informalidade urbana, a saber, o caráter de ilegalidade de algumas de suas práticas, como na comercialização de produtos sem o pagamento de impostos. Em outras palavras, a informalidade se reconfigura, adota novas práticas, novos atores são incorporados, sobretudo, jovens e trabalhadores mais qualificados, com maior escolaridade e outros que vieram do meio formal, assumindo novas aparências, muito parecidas com o mundo formal-regular. Porém, ainda pode-se perceber traços constitutivos mais tradicionais, como a questão da existência comercial na rua, o não registro em carteira assinada e a consequente falta de

direitos legais trabalhistas. Mais uma vez, a informalidade mantém seu caráter de heterogeneidade, principalmente, em sua forma de funcionamento.

Sem dúvida, representa uma informalidade de novo tipo, de tipo absolutamente capitalista, a serviço do capital. Uma atividade que se reconfigurou, cujo traço principal passou a ser a busca pelo lucro, para tanto contrata-se funcionários, impõe-se uma jornada fixa de trabalho, paga-se salário, ocorre na rua a separação de dois entes, patrões e funcionários, enfim, adota uma *lógica e estilo* similar ao trabalho formal. Algo que em si supera a noção de simbiose com o mundo formal, independe disso, está para além, ultrapassa. Em outras palavras, não fica presa à dinâmica do trabalho formal, como um espaço complementar, ao contrário, representa formas de trabalho capitalistas próprias. Representa novas formas de trabalhar e de servir à ampliação do lucro do capitalismo em geral. São os novos espaços da reprodução do capital na rua, que não são constituídos apenas pelo intercâmbio com o mundo formal, pelas trocas daí resultantes. Agora, a própria dinâmica da rua, dos camelôs de tecnologia, constitui uma relação de novo tipo, essa é certamente sua novidade principal. Ela é, com suas lógicas internas constitutivas, uma relação do capital com ou sem vinculação e intercâmbio com o mundo formal. É também um espaço singular e que atende à expansão do capital, por certo, empregando milhares de trabalhadores/as.

Dentro do que foi exposto e discutido, percebe-se como que a informalidade está marcada por elementos inovadores, típicos do mundo formal, e, sobretudo, não se pode negar a vinculação dessas práticas de trabalho com a sociedade capitalista. São trabalhos que estão de uma forma ou de outra dentro do processo mais geral de acumulação, participando da circulação de mercadorias globalizadas.

Principais Referências Bibliográficas

- CACCIAMALI, Maria C. Globalização e processo de informalidade. In: **Economia e Sociedade**, Campinas: Unicamp. I.E., n. 14, jun. 2000. p.152 – 174.
- CARDIN, Eric Gustavo. **Sacoleiros e ‘laranjas’ na tríplice fronteira**: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Dissertação em Sociologia. Araraquara/SP: FCL/Unesp, 2006.
- CARDIN, Eric Gustavo. **Sacoleiros e ‘laranjas’ na tríplice fronteira**: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Dissertação em Sociologia. Araraquara/SP: FCL/Unesp, 2006.
- CONSERVA, Marinalva de S. **A atividade ambulante e suas redes sociais de labirinto em João Pessoa (PB)**. Tese em Serviço Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

DURÃES, Bruno J. R. Trabalho de rua em Salvador e sua contribuição para acumulação capitalista: o trabalhador gratuito. **Temáticas**, ano 13, n.º 25/26, IFCH/UNICAMP, p. 217 à 238, 2005.

_____. **Trabalhadores de rua de Salvador**: Precários nos cantos do século XIX para os encantos e desencantos do século XXI. Dissertação (Mestrado em Sociologia), IFCH, Unicamp, Campinas, 2006.

_____. Camêlo de tecnologia ou um novo “negócio” de sucesso na rua. **Revista Espaço Acadêmico**, ano VIII, n.º 89, 2008.

FILGUEIRAS, Luiz A. M.; et al. **O conceito de informalidade**: problema ou solução?. Salvador: Faculdade de Ciências Econômicas, 2000.(mimeo).

JAKOBSEN, K.; MARTINS, R.; DOMBROWSKI, O. (Orgs.). **Mapa do Trabalho Informal**: Perfil Socioeconômico dos Trabalhadores Informais na Cidade de São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

LAUTIER, Bruno. **L'économie informelle dans Le tiers monde**. 2ª E.d. Paris: Éditions La Découverte, 2004.

LIMA, Jacob Carlos; SOARES, Maria J. Trabalho Flexível e Novo Informal. Salvador: **Caderno do CRH**, n.37, 2002, p.163-180.

MACHADO DA SILVA, Luís Antônio. Da informalidade à empregabilidade. Reorganizando a dominação no mundo do trabalho. **Caderno do CRH**. Salvador, n.37, 2002, p.81-109.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **La garantía soy yo**: redes sociais locais e transnacionais de comercio popular – camêlos e sacoleiros (Brasil-Paraguai). Livro, 2005, (mimeo).

_____. “Mercados Periféricos na ordem do capitalismo global: a rota China-Paraguai-Brasil”. *26ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2008.

OLIVEIRA, Florinda Lopes Pinheiro de. **A luta pelo trabalho**: os novos camêlos no Rio de Janeiro. Dissertação. Rio de Janeiro: Escola de Serviço Social, UFRJ, 1998.

OLIVEIRA, Francisco de. A economia brasileira: crítica à razão dualista. In: **Estudos Cebrap 2**, São Paulo: CEBRAP, out. 1972, p. 3-82.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este**: vidas e vendas num mercado de fronteira. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2004.

RIBEIRO, Gustavo Lins. El sistema mundial no-hegemônico y la globalización popular. **Série Antropologia**, DF: UNB, vol. 410, 2007.